

Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico

Fabiana Manzato †

Guia de Turismo Nacional e América Latina (Brasil)

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada durante uma viagem de estudos, em Portugal, que teve como objetivo testar no produto arqueoturístico estrangeiro a metodologia elaborada para diagnosticar o Turismo Arqueológico a partir das condições de uso turístico dos Sítios Arqueológicos no Estado de São Paulo, Brasil. As considerações iniciais traçam um panorama da atividade turística com ênfase no Turismo Cultural, e em particular o Arqueoturismo. Descreve a metodologia aplicada ao produto arqueoturístico. Discorre sobre os atrativos arqueoturísticos e a importância do planejamento baseado na preservação e interpretação dos Sítios Arqueológicos. Apresenta o diagnóstico de um sítio português e outro brasileiro, e faz uma análise destes.

Palabras-chave: Turismo Cultural; Turismo Arqueológico; Planejamento e Diagnóstico de Sítios Arqueológicos.

Abstract: This article result of a research trip to Portugal, which had the objective tests in foreign archaeological product the methodology elaborated for the diagnosis of Archaeological Tourism through the conditions of tourist use of Archaeological Sites, at Sao Paulo State, Brazil. The initial considerations trace a tourist panorama activity with emphasis on Cultural Tourism, and in special Archaeotourism. It describes the methodology applied to the archaeological product. It discourses on the archaeological attractions and the importance of the planning based on the preservation and interpretation of the Archaeological Sites. It presents the diagnosis of the Portuguese and Brazilian site and makes an analysis between these.

Keywords: Cultural Tourism; Archaeological Tourism; Planning and Diagnosis of Archaeological Sites.

† • Fabiana Manzato e Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (RS), Licenciada em História pela Universidade Estadual de Londrina (PR) e Guia de Turismo Nacional e América Latina credenciada pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) – Brasil. E-mail: fabmanzato@hotmail.com

Considerações iniciais

O Turismo como atividade organizada surgiu em meados do século XIX, em meio a um período marcado por transformações sociais, econômicas e tecnológicas. Essas transformações refletiram sobre o mesmo através dos “novos hábitos de viagem, novos tipos de viajantes, o florescimento e a diversificação das empresas turísticas e a organização do setor” (Rejowski et al., 2002). O resultado deste “boom” turístico foi um crescimento desordenado, desequilíbrio frente ao meio ambiente e a exclusão da população, nos processos de decisão quanto à implantação da atividade turística e no remanejamento das famílias para a concessão do local a empreendimentos turísticos.

A partir da década de 1980 esta atividade de “passou a assumir progressivamente uma postura mais crítica e preocupada com a ‘experiência turística’ sob a ótica de todos, era preciso satisfazer não só o turista e o empresário, mas também o residente, o poder público, etc” (Rejowski e Solha, 2002). Essa postura permitiu a consolidação da atividade turística através de um novo viés. Nesse sentido, o Turismo passa a ser percebido como um fenômeno de notável importância para as atuais sociedades na medida em que contribui para “reconstruir a força física e mental (Krippendorf, 2001)”, “permite o contato com a natureza (Beni, 2001)”, “gera empregos e renda (Lemos, 1999)”, “protege e preserva culturas passadas (Acerenza, 2000), além de proporcionar “experiências mais autênticas e genuínas (Beni, 2003)”.

Essa nova postura favoreceu o surgimento do Turismo Cultural. Trata-se de uma atividade turística já consolidada em diversos países da Europa, e que atualmente encontra-se em expansão nas Américas e Ásia. Defini-se o Turismo Cultural como “todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana e esse aspecto pode ser a história, o cotidiano, o artesanato” (Barreto, 2000). Essa característica faz com que o Turismo Cultural apresente segmentações “desdobrando-se em tantos outros títulos como antropológico, religioso, arqueológico, entre outros” (Beni, 2003).

Dentre estes segmentos destaca-se o Turismo Arqueológico também denominado de Arqueoturismo. É um dos “segmentos que mais rápido cresce no setor de viagens” (O’Neill, 2004). Esse crescimento pode ser observado através dos inúmeros Sítios Arqueológicos disponíveis para visitação turística, como, por exemplo: Catedral de Saint-Pierre (Suíça), ruínas de Xunantunich (Belize), ruínas de Machu Picchu (Peru), ruínas de Yonaguni (Japão), sítio Boqueirão da Pedra Furada (Brasil), entre outros.

O Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo

“consiste no processo decorrente do deslocamento e da permanência de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas e/ou históricas, passíveis de visitação terrestre ou aquática” (Manzato, 2005).

Estas considerações demonstram que o Turismo Arqueológico desempenha função relevante para a sociedade, e portanto, merece um estudo particular por parte dos acadêmicos e atenção especial dos setores públicos. Para preencher parte da lacuna existente na literatura acadêmica nacional e estrangeira sobre este segmento turístico, elaborou-se este artigo cujo objetivo foi testar no produto arqueoturístico estrangeiro a metodologia utilizada para diagnosticar o Turismo Arqueológico a partir das condições de uso turístico de Sítios Arqueológicos no Estado de São Paulo, Brasil. Inicia pela descrição da metodologia aplicada ao produto arqueoturístico. Em seguida, discorre sobre os atrativos arqueoturísticos e a importância do planejamento baseado na preservação e interpretação dos Sítios Arqueológicos. Finalmente, apresenta o diagnóstico de um sítio português e outro brasileiro, e faz uma análise sobre estes.

Produto Arqueoturístico: metodologia aplicada

Em uma pesquisa científica, a metodologia deve “ter procedimentos e caminhos seguros para alcançar ou produzir um conhecimento” e “está relacionada com os objetivos e a finalidade do projeto devendo des-

crever todos os passos que serão dados para atingir o objetivo proposto”, minimizando assim as chances de erro e desperdício de tempo em procedimentos que na primeira impressão e isolados, revelam-se eficientes, mas ao executá-los revelam-se inadequados (Köche, 1997; Dencker, 2002).

O objetivo deste artigo foi testar no produto arqueoturístico estrangeiro a metodologia utilizada para “diagnosticar o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo a partir das condições de uso dos Sítios Arqueológicos Pré-Históricos e Históricos no Estado de São Paulo, Brasil” (Manzato, 2005). Ao testar este modelo, busca-se propor possíveis adequações ou consolidá-lo modelo como parâmetro capaz de estabelecer a adequação da atividade turística em Sítios Arqueológicos.

Para tanto, se fez um levantamento bibliográfico para averiguar e pontuar os Sítios Arqueoturísticos portugueses. No mês de setembro de 2005, foram realizadas as visitas “in loco” aos sítios pontuados que permitiram observar a existência das atuais condições que possibilitam a visitação turística nos sítios portugueses, tais como, disponibilidade de sanitários, placas indicativas e informativas, monitoria, áreas específicas para alimentação e descanso, material turístico impresso, entre outros.

Cada um destes itens passou por análise e foi classificado como *Muito Adequado* (peso 3), *Adequado* (peso 2), *Pouco Adequado* (peso 1) ou *Não Adequado* (peso 0). A somatória desses pontos indicou a adequação do Sítio Arqueológico ao uso turístico, expressa conforme a seguinte escala avaliativa:

- ❖ Muito Adequado: maior ou igual a 16 pontos
- ❖ Adequado: entre 11 e 15 pontos
- ❖ Pouco Adequado: entre 6 e 10 pontos
- ❖ Não Adequado: de 0 a 5 pontos

Após o resultado dos diagnósticos, estabeleceram-se parâmetros para limitar a escolha do sítio, estrangeiro e nacional, que seriam descritos e analisados. Assim, foi estabelecido que os sítios deveriam conter as seguintes características: ser histórico, não estar localizado no litoral e ter uma tipologia religiosa. Estas características permitiram delimitar os seguintes Sítios Arqueoturísticos: as Ruínas do Carmo (Portugal) e o Pátio do Colégio (Brasil).

Atrativos Arqueoturísticos Pré-Histórico e Histórico

Denominam-se Atrativos Arqueoturísticos “a matéria-prima” que compõe o Arqueoturismo sendo estes formados a partir dos Vestígios Arqueológicos remanescentes de períodos Pré-Históricos e/ou Históricos (Boullón, 1997). Estes vestígios constituem o patrimônio de uma localidade e são definidos como “todos os indícios da presença ou atividade humana” das antigas sociedades (Prous, 1992).

Os vestígios podem ser encontrados em abrigos rochosos, como grutas e cavernas ou podem estar a céu aberto. Estes locais que contêm vestígios remanescentes de sociedades pretéritas são denominados Sítios Arqueológicos. No entanto, os Vestígios Arqueológicos também podem ser encontrados sob as águas em função “de um processo natural do avanço ou retrocesso das águas oceânicas ou pela intervenção humana através da construção de barragens, represas, etc.” (Rambelli, 1998). Neste caso, o sítio submerso é denominado de Sítio Arqueológico Subaquático.

A princípio os Sítios Arqueológicos passam por prospecção e escavação. A visitação turística a um sítio acontece posteriormente a sua escavação ou concomitante a ela de duas formas: primeiro, onde o visitante tem acesso somente a uma das partes já escavadas ou o visitante além de observar a escavação pode interagir com a mesma principalmente por meio de mini-cursos ou estágios.

A partir do momento em que um Sítio Arqueológico é disponibilizado ao visitante denomina-se Sítio Arqueoturístico. Um sítio pode ser Pré-Histórico e Histórico ao mesmo tempo, isto acontece em função da ocupação de determinado local por sucessivos e distintos períodos, caso tenha sido ocupado somente em um momento considera-o Pré-Histórico ou Histórico.

Note que os períodos Pré-Histórico e Histórico são diferentes entre a Europa e Brasil, visto que naquele continente Pré-História é o período anterior ao nascimento de Cristo (indicado pela sigla a.C.), enquanto a História, refere-se a todo período posterior ao nascimento de Cristo (indicado pela sigla d.C.). No Brasil, a Pré-História, refere-se ao período anterior a chegada dos

portugueses neste território e o período Histórico é indicado a partir do século XV a partir da chegada dos portugueses.

Existem Atrativos Arqueoturísticos no Brasil que não são encontrados em Portugal, ou mesmo em outros países, como, por exemplo, os sambaquis (montes que se formaram a partir do acúmulo de restos de moluscos descartados pelos indígenas do litoral usados como depósitos de lixo e cemitério). Bem como, existem atrativos no estrangeiro que não são encontrados no Brasil, é o caso dos castelos.

Por outro lado, existem atrativos que são encontrados no Brasil e outros países além do continente europeu, como, por exemplo, a arte rupestre, utensílios de pedra lascada ou polida, igrejas, moedas, utensílios de louças, garrafas, entre outros. Estes são semelhantes, no entanto, cada qual apresenta sua especificidade.

Planejamento: Preservação e Interpretação de Sítios Arqueoturísticos

Foi citado anteriormente que existem inúmeros Sítios Arqueoturísticos disponíveis para visita e estes “tem o poder de atrair grande número de visitantes” (Smith e Harris, 2004). Obviamente, o que interessa não é apenas atrair um grande número de visitantes, mas sim, uma quantidade de pessoas compatíveis com o espaço interno dos sítios e coerentes com a fragilidade de seus atrativos.

O excesso de pessoas e a inadequação interpretativa comprometem o Turismo em Sítios Arqueológicos na medida em que gera resultados negativos ao turista ou excursionista, ao local, à população residente, aos empresários, enfim, a todos envolvidos direta e indiretamente nesta atividade turística. Estes aspectos impossibilitam os turistas e excursionistas conhecer e interagir com o atrativo, o sítio, bem como seus vestígios remanescentes são danificados pela ausência de um estudo sobre a capacidade de carga máxima suportada pelo mesmo que varia segundo seu tamanho, tipo de solo, entre outros. A população residente perde parte do seu passado visto que seus vestígios remanescentes são “portadores de uma informação única e sem repetição” enquanto os empresários e o poder público, são prejudicados pela ausência de

receitas e permanecem impossibilitados de gerar empregos (Mazzanti e Quintana, 2004).

A desconsideração dos aspectos supracitados acelera o processo de destruição e até extinção de determinado atrativo. A exemplo deste processo de destruição pode-se citar a gruta de Lascaux (França), onde o excesso de visitantes contribuiu para degradar o solo do interior da gruta, além de danificar as pinturas rupestres devido a grande quantidade de gás carbônico exalado pelos visitantes. Avaliados tais impactos as visitas a gruta foram encerradas, permitindo-se a entrada somente de estudiosos. Para compensar o prejuízo do fechamento da gruta aos visitantes e ao mesmo tempo preservá-la, foi projetada uma cópia em tamanho natural dos dois setores mais representativos da caverna.

Daí a fundamental importância do planejamento que consiste no “estabelecimento de estratégias para uma eficiente disposição de recursos e dirigidas para alcançar objetivos específicos em longo prazo” (Petrocchi, 2002). Ou seja, o planejamento em Sítios Arqueoturísticos visa minimizar seu processo de degradação ao mesmo tempo em que o torna acessível ao visitante de hoje e de amanhã, por meio de estratégias desenvolvidas a curto, médio e longo prazo.

O planejamento deve ser um processo dinâmico, repensado constantemente, com o claro objetivo de maximizar os aspectos positivos da atividade turística em áreas arqueológicas, tais como, a capacidade de carga para cada sítio, maneira ideal de preservá-lo e interpretá-lo, minimizando ou mesmo evitando que aspectos negativos interfiram em seu crescimento e desenvolvimento, porque os Vestígios Arqueológicos “devem ser protegidos não só porque são herança que uma vez destruídos tornam-se irrecuperáveis, mas também porque representam uma oportunidade para o progresso da sociedade atual” (Kulemeyer, 2003).

A fragilidade dos sítios e de seus respectivos vestígios, gera nos arqueólogos e representantes do poder público a insegurança em disponibilizá-los para a visita turística. Essa situação advém da desinformação e do desconhecimento de um planejamento para áreas arqueológicas e que infelizmente, conduz ao emprego de uma política que tende a preservar os sítios e

seus respectivos vestígios no sentido estrito da palavra, ou seja, deixando-os fechados, longe do olhar do público, o que resulta termos “um vasto país de recursos esquecidos e de atrativos subutilizados” (Pires, 2001). Quando o patrimônio mantém-se desta maneira “transforma-se num equipamento com pouca utilidade social e nenhuma viabilidade financeira” (Barretto, 2000).

Trata-se de um modelo de preservação inadequado porque exige a função educativa dos Sítios Arqueoturísticos, a projeção social (onde a população reconhece aqueles sítio como parte integrante de seu passado) e cultural (onde o visitante fica impossibilitado de ter acesso a identidade e conhecimento sobre o passado do outro) além de depender alto custo financeiro. Inadequado também é preservar o Sítio Arqueoturístico exclusivamente para propósitos turísticos, visto que os turistas não são o único grupo a visitá-lo. A população residente e os autóctones também visitam os sítios e são parcela fundamental em um empreendimento arqueoturístico podendo contribuir sob vários aspectos para a viabilidade e sucesso do mesmo.

Sendo os Sítios Arqueoturísticos dotados de grande fragilidade mas que não devem permanecer ocultos da visão e do conhecimento do público propõe-se ainda que além de um planejamento baseado em sua preservação deve também priorizar o processo de interpretação dos Vestígios Arqueológicos remanescentes das sociedades pretéritas.

A interpretação de um produto arqueoturístico está relacionada diretamente com o seu consumo, ressaltando que o consumidor desse produto adquire o direito de usufruir do mesmo por meio de uma “experiência vivencial” e que o resultado deste consumo constitui-se em aprimoramento cultural, recordações e fotografias (Ruschmann, 1991). Isso acontece porque o produto turístico não é um bem móvel “trata-se de um bem de consumo abstrato que não pode ser avaliado de acordo com seu tamanho, peso, formato ou cor” portanto, “o que recebe o consumidor é uma representação imaginária do que o produto pode proporcionar” (Ruschmann, 1991; Vaz, 2001).

Mas de nada adianta o consenso, dos arqueólogos e representantes do poder públi-

co, em disponibilizar o Sítio Arqueológico para visitação turística e um planejamento baseado em aspectos preservacionistas se não houver um público ciente da possibilidade de freqüentar e usufruir o mesmo. Dessa forma, a interpretação dos produtos arqueoturísticos é imprescindível, visto que ela é antes de tudo, um instrumento de comunicação com o visitante, seja ele o residente, o autóctone, o turista ou excursionista.

A interpretação visa informar sobre as características e particularidades dos atrativos através de uma mensagem apropriada e inteligível. Interpretar não é simplesmente informar mas sim “revelar significados, provocar emoções, estimular a curiosidade, entreter e inspirar novas atitudes no visitante e proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade” (Murta e Goodey, 2002). O objetivo da interpretação é “comunicar o significado do lugar de forma interessante e efetiva, contribuir com a satisfação das necessidades dos visitantes além de conservar e conscientizar sobre o recurso cultural” (Martín, 2005).

Enquanto ferramenta de comunicação, a interpretação minimiza e evita a incompreensão do atrativo, especialmente dos Vestígios Arqueológicos. Quando não há comunicação entre o visitante e o atrativo, resulta em uma experiência turística catastrófica originando as seguintes expressões: “Não há nada para ver! Não vale a pena! O que isto tem a ver comigo? Por que tenho que me importar que se gaste dinheiro público (meu dinheiro) para proteger isto?” (Bertonatti, 2005).

Essas expressões são transmitidas a outras pessoas que certamente as terão como verdades. E assim cria-se um círculo vicioso de idéias errôneas em torno do Produto Arqueoturístico. No entanto, esse não é o único aspecto negativo ocasionado pela ausência ou inadequação de uma interpretação. Soma-se a este, ações de depredação ou apropriação imprópria dos vestígios remanescentes, já que o indivíduo não se identifica com o Atrativo Arqueoturístico e não entende o porque de protegê-lo.

A interpretação é essencial para “popularizar o conhecimento, induzindo a atitudes de respeito e proteção”. Para atingir seus objetivos, a interpretação, deve se basear a princípio em dois pontos centrais

“saber claramente o que dizer e conhecer como e a quem dizê-lo”, ou seja, o conhecimento profundo sobre o produto arqueoturístico e qual a maneira ideal para apresentá-lo aos distintos públicos que terão acesso ao sítio (Murta e Goodey, 2004; Martín, 2005).

Esse prévio conhecimento possibilitará a escolha dos meios e técnicas mais adequados para a utilização nos processos de interpretação, dentre estes, encenação ao vivo, mapas ilustrativos, guias e roteiros, *folders*, maquetes, monitores de televisão, cartões postais, placas, painéis, fotografias, etiquetas, instrumentos que reproduzem som, luz e movimento. No entanto, este processo requer muita atenção e sensibilidade porque deve haver uma harmonia no emprego destes meios e técnicas, visto que dão suporte ao atrativo que esta sendo interpretado e jamais devem se sobrepor a eles. Essa ponderação evita a descaracterização do atrativo e as poluições visuais, sonoras ou odoríferas sobre o mesmo.

Nada impede que sejam empregadas tecnologias, como, a exibição de imagens tridimensionais em monitores de televisão sobre como poderia ter sido determinado sítio antes de ser destruído por ações naturais (terremoto, inundações, entre outros) ou pela ação do homem (construção de barragens, guerras, entre outros), como ocorre, por exemplo, na Catedral de Saint-Pierre (Suíça). Esse recurso permite ao visitante observar as diversas alterações ocorridas neste local a partir do século IV até o século XX.

Para representar determinadas situações, pode-se recorrer a outras soluções compatíveis com o orçamento de cada sítio, como por exemplo, a elaboração de maquetes. De qualquer forma, os meios e as técnicas empregadas durante a interpretação não são a solução para o sucesso das visitas nos sítios, eles são um meio para se atingir esse objetivo e não um fim.

O processo de interpretação deve ainda priorizar a promoção do produto arqueoturístico por meio de instrumentos tradicionais como os guias de viagens, jornais, revistas, rádio, televisão, mala-direta e outdoors além de disponibilizar o local para a realização de eventos, como, lançamentos de CD's e obras literárias, casamentos, entre outros, porque estes “enriquecem a vida social e realçam características e identidades culturais locais” (Murta e Goodey, 2002). Neste caso, o bom senso também deve prevalecer levando-se em consideração o tipo de evento, os equipamentos que darão suporte a ele tais como caixas de som, material de iluminação, instrumentos musicais, entre outros.

Diagnósticos e Análise de dois Sítios Arqueoturísticos Históricos

Após as considerações anteriores pode-se dizer que o Sítio Arqueoturístico ideal é aquele que consegue através do planejamento, preservar e ao mesmo tempo promover seus vestígios remanescentes utilizando meios e técnicas de interpretação condizentes com as características de cada local. A seguir, discorre-se sobre os diagnósticos dos produtos arqueoturísticos português e brasileiro, e apresenta a análise dos dois Sítios Históricos: as Ruínas do Carmo (Portugal) e o Pátio do Colégio (Brasil).

Ruínas do Carmo (Lisboa – Portugal)

Situada na cidade de Lisboa, corresponde a antiga Igreja do Convento de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo, fundada em 1389, por D. Nuno Álvares Pereira. Trata-se de um templo em estilo gótico, com 70 m de comprimento danificado em 1755 por um terremoto, seguido de um incêndio. O local foi entregue, em 1864, a atual Associação dos Arqueólogos Portugueses.



Figura 1 – Interior da antiga Igreja do Convento de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo (Lisboa - Portugal). Foto: Fabiana Manzato

Hoje, observa-se neste Sítio Arqueoturístico a fachada principal da igreja e seis grandes arcos (Figura 1), a sacristia com sua abóbada, um museu com artefatos e obras com tempos cronológicos que remetem desde a pré-história à contemporaneidade portuguesa, de civilizações egípcias e pré-colombianas, além de uma biblioteca especializada em arqueologia e história.

Localizado no Largo do Carmo, o Sítio Arqueoturístico é de fácil acesso tanto para pessoas que utilizam condução própria ou metrô, quanto para pedestres. Existem placas indicativas suficientes para se chegar ao sítio e quanto as placas informativas, estas são padronizadas e em dois idiomas (português e inglês).

O sítio conta com serviços educativos direcionados a escolas ou grupos de 15 a 30 pessoas mas, a maior parte das visitas são auto-guiadas, existindo grande disponibilidade de informações sobre todos os detalhes do atrativo, cada pilastra, túmulos, sinos, pedra de armas (brasões) são descritos minuciosamente. Assim, caso o visitante

acompanhe todos estes detalhes passará em média 4 horas dentro do sítio, onde infelizmente não há local adequado para descanso, os visitantes então, sentam-se na escada de acesso da entrada principal.

A taxa paga para entrar no Sítio Arqueoturístico não é exorbitante € 2.50 (para 1€ = R\$ 2,41 em 03/03/06). Pode-se adquirir no local *souvenirs*, livros e outras publicações sobre as pesquisas realizadas neste sítio. Além da grande estrutura remanescente deste atrativo, ele também se destaca pela promoção do seu espaço, sendo este cedido para a celebração de missas, lançamento de CD's e obras literárias, realização de festas de aniversário, casamentos, formaturas, entre outros.

No entanto, verificou-se que após um destes eventos, algumas mesas, cadeiras e aquecedores permaneciam no sítio já aberto para a visitação turística, impossibilitando a apreciação de parte do local, gerando poluição visual e possibilidades de acidentes com os visitantes ou sobre os atrativos caso um destes objetos caísse (Figura 2).

O Produto Arqueoturístico encontra-se bem preservado e dotado de uma coerente interpretação das placas de sinalização externas e internas do sítio, da disponibili-

preenchida de barro e posteriormente, utilizou-se uma técnica, denominada taipa de pilão. Abrigou uma capela, escola para a conversão dos índios ao catolicismo e re-



Figura 2 – A elipse demonstra a interferência dos objetos na visualização do atrativo (Lisboa – Portugal). Foto: Fabiana Manzato

dade de sanitários, material impresso, e interpretação do local enquanto espaço de cultura e lazer. Após estas observações, considerou-se este sítio *Muito Adequado* para a realização do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, no entanto, visando incrementar este produto arqueoturístico, sugere-se que haja a adequação de um espaço para o descanso dos visitantes ou mesmo a inserção de bancos em pontos estratégicos que não descaracterizem o local.

Pátio do Colégio (São Paulo – Brasil)

No Brasil, situado na capital paulista, este seria o local da fundação da cidade de São Paulo, no ano de 1554. O Pátio do Colégio constituía-se por uma cabana de pau-a-pique, cujas paredes foram feitas inicialmente com uma armação de paus e cipós

sidência aos jesuítas. No ano de 1759, o governo se apropria dos bens da Companhia de Jesus e o local passa por reformas que o descaracterizariam profundamente, sendo transformado no Palácio dos Governadores e Secretaria da Educação.

No ano de 1954, a Companhia de Jesus recebeu de volta as instalações e iniciou-se à reconstrução do local. Os vestígios remanescentes da antiga capela, escola e residência jesuíta constituem-se, atualmente, da Cripta, de uma parede em taipa de pilão hoje protegida por um vidro (Figura 3) e o antigo torreão.

O Sítio Arqueoturístico encontra-se na Praça da Sé, trata-se um local de intenso movimento, acessível de condução própria, metrô ou mesmo a pé. A interpretação local deveria ser revista já que são poucas as placas indicativas e as informativas. O sítio

dispõe de visita monitorada e esta tem duração de 2 horas. O ingresso de R\$ 5,00 (R\$ 2,50 estudantes e idosos) é cobrado apenas para o acesso ao museu Padre Anchieta. O acesso livre é feito à praça Ilhas Canárias, de onde se avistam os vestígios remanescentes, o Café do Pátio, Capela Beato José de Anchieta e uma biblioteca.

O local dispõe de material informativo, loja de *souvenir*, estacionamento, sanitários, áreas para descanso e alimentação. Este sítio também chama a atenção pela promoção local, havendo uma área específica cedida para a realização de eventos culturais como, por exemplo, exposições, peças teatrais, apresentação de música clássica, curso da língua falada pelos indígenas – o tupi e missas.

Após estas observações, considerou-se este sítio *Muito Adequado* para a realização do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, no entanto, visando incrementar este produto arqueoturístico, sugere-se que sejam acrescentadas placas informativas com

mais detalhes sobre o local e em um segundo idioma, possibilitando ao visitante priorizar informações segundo seu interesse e disponibilidade de tempo.

Análise de dois Sítios Arqueoturísticos

A análise dos dois Sítios Arqueoturísticos, compostos por atrativos semelhantes, permitiu identificar a facilidade de acesso a ambos, no entanto, no sítio estrangeiro existe uma preocupação maior em se direcionar o visitante ao local por meio da grande quantidade de placas indicativas no percurso para este. Este sítio também se sobressai nos dados prestados ao público através das placas informativas, o que permite ao visitante minimizar sua dependência frente ao monitor, realizar o percurso interno no seu tempo e priorizar determinados aspectos em detrimento de outros, como, por exemplo, dar preferência pelas informações históricas, arquitetônicas, entre outros.

Por outro lado, o visitante que permane-



Figura 3 – Aspecto parcial da parede remanescente da antiga capela (São Paulo – Brasil). Foto: Fabiana Manzato

ce por várias horas no sítio estrangeiro não tem uma área apropriada para descanso como acontece no sítio brasileiro, onde as pessoas podem permanecer na praça ou cafeteria para posteriormente dar continuidade a visita ou simplesmente para permanecer ali por alguns instantes.

Considerando que as taxas para a entrada nestes sítios são necessárias para a sua manutenção, mesmo assim, é promovido em ambos os sítios a facilitação da entrada dos visitantes por meio de descontos como acontece no Pátio do Colégio, onde estudantes e aposentados pagam meio ingresso, e nas Ruínas do Carmo, durante todos os primeiros domingos de cada mês a entrada é gratuita. Verificou-se que ambos os sítios oferecem *folder* turístico, venda de *souvenirs*, monitoria, sanitários e dinamizam seu espaço interior ao ceder o local para eventos culturais, festas particulares e públicas.

De modo geral, o planejamento nestes sítios esta condizente com os aspectos de preservação e interpretação porque não ocultam os atrativos do olhar do visitante, popularizam e permitem a compreensão dos vestígios remanescentes através do emprego de meios e técnicas adequados a fragilidade deste atrativo, além de enriquecer a vida social ao disponibilizá-los para outros fins.

Considerações Finais

O Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo é o segmento turístico que mais tem crescido nos últimos anos. Esta afirmação se vê confirmada pelos inúmeros Sítios Arqueoturísticos disponíveis para visita nos mais distintos países, como, por exemplo, Brasil, Belize, Portugal, Japão, entre outros. Os Atrativos Arqueológicos são os vestígios das antigas civilizações, representam a identidade de determinada população, e por seu valor cultural é imprescindível um planejamento baseado em sua preservação e interpretação.

Mas a palavra preservar não deve ser aplicada no sentido de tornar o sítio inacessível ou fechado ao público, pelo contrário, em função da raridade e unicidade dos vestígios remanescentes, estes devem ser disponibilizados para o conhecimento geral.

Além disso, não basta apenas disponibi-

lizar o sítio para visita turística, deve haver um acompanhamento no sentido de interpretar o local através de meios e técnicas adequadas visando agregar valor ao produto arqueoturístico ao invés de se sobrepor a ele ou descaracterizá-lo. O bom-senso também deve prevalecer sobre a promoção do atrativo, especialmente se esta possibilita sua múltipla utilização por meio de eventos no sítio, tais como: a celebração de missas, lançamentos de obras literárias, entre outros.

Essa pesquisa, cujo objetivo foi testar no produto arqueoturístico estrangeiro a metodologia elaborada para diagnosticar o uso turístico de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos e Históricos no Estado de São Paulo, possibilitou consolidar este modelo como parâmetro capaz de estabelecer a adequação da atividade turística em Sítios Arqueológicos.

Os diagnósticos dos sítios português e brasileiro, como *Muito Adequado*, permitem as seguintes conclusões: primeiramente, que seus vestígios remanescentes exercem fascínio sobre o visitante em sua forma “pura”, não havendo a necessidade de submetê-los a processos de intervenção que buscam reconstruir partes destruídas pelo tempo ou pela desinformação do homem, ações estas que por vezes poderiam descaracterizá-los.

E em segundo lugar, estes sítios vêm demonstrar que ter as condições ideais para receber visitantes não está relacionado a alta cobrança de ingresso para se ter acesso ao mesmo, e portanto, é possível oferecer ao visitante um produto arqueoturístico de qualidade sem um custo exorbitante para o mesmo.

E finalmente, o desuso da tecnologia avançada (filmes, objetos em movimento, espetáculos de som e luz, entre outros) para a interpretação do patrimônio arqueológico não torna a visita a um Sítio Arqueoturístico menos instrutiva ou atraente, ou seja, a tecnologia deve ser utilizada para auxiliar a popularização e compreensão do atrativo, ela é um meio e não é um fim. A tecnologia não é imprescindível para o crescimento do sítio mas pode acelerar sua destruição se empregado erroneamente.

Bibliografia

Acerenza, M.

- 2000 *Administración del Turismo*: Conceptualización y Organización. 4 ed. México: Trilhas.
- Barretto, M.
2000 *Turismo e Legado Cultural*: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus.
- Beni, M. C.
2001 *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Editora SENAC.
- 2003 *Globalização do turismo* – megatendências do setor e a realidade brasileira, São Paulo: Aleph.
- Bertonatti, C.
2005 Interpretación y turismo: nos interesa dejar un mensaje al turista. *Boletín de Interpretación*. España, n.12.
- Boullón, R.
1997 Planificación del espacio turístico. México: Trilhas.
- Dencker, A. F. M.
2002 *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura.
- Köche, J. C.
1997 *Fundamentos de Metodologia Científica*: teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Krippendorf, J.
2001 *Sociología do Turismo*: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph.
- Kulemeyer, J.
2003 *Propuesta para el desarrollo del turismo arqueológico en Argentina*. Disponível em: <http://www.nava.org.ar>.
- Lemos, L.
1999 *Turismo: que negócio é esse?* Uma análise da economia do turismo. Campinas, SP: Papirus.
- Manzato, F.
2005 Turismo Arqueológico: diagnóstico em sítios pré-históricos e históricos no Estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul.
- Martín, M.
2005 Interpretación del patrimonio en la presentación de la ciudad al público local y visitante. *Boletín de Interpretación*. España, n.12.
- Mazzanti, D. y Quintana, C.
2004 *Mar del Plata. ¿Un futuro sin pasado?* Disponível em <http://www.mdp.edu.ar>.
- Murta, E.M. y Goodey, B.
2002 Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: Murta, E.M.; Albano, C.(org.) *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. - Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis.
- O'Neill, M.
2004 Archaeology and the grand tour: photography and Victorian Tourism. *Worcester Society of Archaeological Institute of America*. Disponível em: <http://www.webpages.charter.net>
- Pires, M. J.
2001 *Lazer e Turismo Cultural*. Barueri, São Paulo: Manole.
- Petrocchi, M.
2002 *Turismo*: planejamento e gestão. São Paulo: Futura.
- Prous, A.
1992 *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora UNB.
- Rambelli, G.
1998 *A Arqueologia subaquática e sua aplicação a arqueologia brasileira*: o exemplo do baixo vale do Ribeira de Iguape. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Rejowski, M. y Solha, K. T.
2002 Turismo em um cenário de mudanças. In: Rejowski, M. (org.) *Turismo no percurso do tempo*. (pp.71-115). São Paulo: Aleph.
- Rejowski, M. et al.
2002 Desenvolvimento do Turismo Moderno. In: Rejowski, M. (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph.
- Ruschmann, D. M.
1991 *Marketing Turístico*: um enfoque promocional. Campinas, SP: Papirus.
- Smith, C y Harris, J. F.
2004 *The future of Georgia's archaeological resources*: transforming citizens into defender. Disponível em <http://www.georgia-archaeology.org>.
- Vaz G. N.
2001 *Marketing Turístico*: receptivo e emissor. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Recibido: 04 de marzo de 2006

Reenviado: 6 de julio de 2006

Aceptado: 15 de octubre de 2006

Sometido a evaluación por pares anónimos